

Portella desmente o término do diálogo

Da sucursal de
BRASILIA

O presidente do Senado, Petrônio Portella, e o vice-líder do governo, senador Jose Sarney, desmentiram ontem que o diálogo com a oposição tenha sido suspenso, em virtude da encampação pelo MDB da tese da Constituinte.

"O diálogo não foi sustado; apenas sofreu uma pausa para reavaliação dos últimos acontecimentos políticos e, em especial, as consequências da convenção do MDB em que foi aprovada a campanha da Constituinte", disse o parlamentar paulista, acrescentando que, na próxima semana, tentará "uma possível reativação do diálogo", em contatos com outras áreas do País, como a Igreja e a Ordem dos Advogados.

O senador Sarney afirmou que "o MDB, embora proclame que não deseja o confronto, segue sempre a política do confronto. E, através de seus radicais, não deseja nenhum avanço, pois o que eles querem é o caos".

Já o líder do governo, deputado José Bonifácio, deu a medida da indecisão da Arena, no tocante às medidas que tomará para contestar a campanha do MDB pela Assembléia Nacional Constituinte, ao se negar a falar da legalidade ou da ilegalidade da mobilização popular oposicionista, já apontada pelo presidente do partido, deputado Francelino Pereira:

"Não respondo sobre isto, porque amanhã posso discutir o assunto. Se o Freitas Nobre falar sobre isto, eu respondo" — afirmou o deputado mineiro, a propósito da anunciada decisão do líder do MDB de abordar o tema da tribuna da Câmara, na tarde de hoje.

Para o senador José Sarney, "a tese da Constituinte, lançada pelo MDB, é de natureza política. Eles a adotaram como instrumento de mobilização popular, seguindo a mesma linha de erros táticos que vêm cometendo. Embora dizendo que não desejam o confronto, na realidade, seguem sempre a política do confronto. A Constituinte é uma maneira de não encarar os temas sobre a mesa e adotar uma preliminar de natureza formal que prejudica e retarda o debate do principal. Aliás, antigamente, discutia-se a reforma ou a revolução, hoje o MDB quer Constituinte e não reforma".

O senador maranhense assinala, porém, que "como se trata de questão tática, a Constituinte não pode jamais evitar que os problemas da constitucionalização sejam tratados, discutidos e negociados pelos políticos de ambos os partidos. Porque o que se tem convencionalmente chamado diálogo não é um pacto partidário entre Arena e MDB e, sim, uma iniciativa do senador Petrônio Portella, com o respaldo do partido e do governo, de analisar, com líderes do MDB, como devemos chegar ao desenvolvimento político. A tese da Constituinte assim não evita que os mesmos assuntos sejam discutidos pelas mesmas pessoas".

ECLESIÁSTAS

Parodiando o Eclesiastes, Sarney negou que o diálogo de Portella com o MDB tenha sido suspenso:

"Em política, há tempo de avançar, de recuar e de parar. Há momentos mais propícios para maior avanço nas conversações".

Governador defende entendimento aberto

Das sucursais do
RIO e BRASÍLIA

O governador Divaldo Suruagy, de Alagoas, disse ontem no Rio, depois de pronunciar conferência na Escola Superior de Guerra sobre "Oposição e contestação na conjuntura política do Brasil", que "a idéia de uma Constituinte, em si, não é contestatória, mas a maneira como o MDB a apresentou é contestatória". Na sua opinião, a saída para a crise política é o diálogo: "Apesar da nota do MDB, acho que o diálogo ainda é possível, pois o partido oposicionista conta com homens como Tancredo Neves, Saturnino Braga e Ulysses Guimarães".

Em Brasília, o líder do governo na Câmara, José Bonifácio, considerou a tese da Constituinte "uma idéia estapafúrdia que não encontra qualquer razão na opinião pública", e reafirmou que a direção emedebista perdeu o controle do partido para os "autênticos". Os moderados, disse, "embarcaram à força na idéia da Constituinte, mas embarcaram no último carro que não viaja, porque será oportunamente desengatado dos demais".

OPOSIÇÃO-CONTESTAÇÃO

Divaldo Suruagy explicou a diferença que, a seu ver, existe entre oposição e contestação: "Na oposição, há uma similitude entre sujeito e predicado; a oposição reconhece o governo. A contestação, filosoficamente, nega a existência legal do regime. A oposição reconhece a

Revolução de 64, ao passo que aqueles que legitimam não reconhecem sua legitimidade".

O governador alagoano distribuiu à imprensa o texto de sua conferência na ESG, durante a qual reconheceu que, "de repente, criou-se verdadeira unanimidade, um autêntico consenso nacional para as desejadas mudanças, preconizadas pelo próprio presidente Geisel em várias oportunidades". Depois de extenso elogio à democracia — "até o momento do estágio atual da ciência política, nada se inventou melhor do que a democracia" — Suruagy prosseguiu: "Democracia é prática, é exercício, aprende-se fazendo. E a métrica, aprende-se fazendo. O próprio texto constitucional. E a grande prova de que não chegamos ainda, mas vamos chegar, ou melhor, estamos chegando a esta plenitude da prática democrática são as emendas constitucionais que sofremos desde a Constituição de 67".

"Se os radicalismos se acentuam — observou o governador — com a entrada aberta para a contestação, a reação natural do poder revolucionário é a permanência do "status quo", até mesmo por um problema de coerência com os princípios do movimento de 64 e por uma questão de sobrevivência. O caminho mais longo ou que, melhor dizendo, não é caminho algum, é aquele da contestação que fundamentalmente, dessa não o aperfeiçoamento, mas a derrubada do regime, o que é evidentemente inadmissível".

Arenista vê contestação

Outro que falou ontem na Escola Superior de Guerra, sobre o mesmo tema de Suruagy, foi o deputado arenista Murilo Badaró, de Minas Gerais, que, em conversa posterior com jornalistas, advertiu que "no sistema bipartidário tem-se que armar uma drenagem para eliminar aqueles que não fazem oposição, mas contestação", pois esta, a seu ver, "é a única maneira de a oposição ter acesso ao poder". E qual a diferença entre oposição e contestação? Badaró responde: "Eu precisei de oito laudas, na minha conferência, para explicar a diferença. Na verdade, oposição e contestação constituem uma área de sombra; são limites superpostos. A origem de uma coisa e outra está na semântica".

O parlamentar mineiro acha que "o nó górdio do problema político brasileiro está em que, dentro do partido da oposição estão confundindo-se, debaixo da mesma aparência de legalidade, guardados pelos mesmos instrumentos apropriados da Justiça Eleitoral, opositores e contestadores, ambos amarrados à camisa-de-força da fidelidade partidária e os contestadores envolvendo opositores de boa fé no espírito da contestação vazia que não traz consigo sequer ideologia, projeto nacional ou reivindicação de classe".

Analisando a questão dos partidos políticos, Badaró indagou se "não será o bipartidarismo artificial e deformado pe-

las sublegendas um caldo permanente de cultura para florescerem as colônias de contestadores submetidos ao amparo da legislação revolucionária". Na sua opinião, não importa o número de partidos, mas "o crucial é alargar os níveis de participação de camadas cada vez maiores de brasileiros no processo, tornando-os todos responsáveis pela construção do destino nacional".

PROIBIÇÃO

O líder José Bonifácio, além de acusar o MDB de pretender perturbar a ordem pedindo a Constituinte, defendeu as medidas adotadas pelo governador Moura Cavalcanti, de Pernambuco, para impedir a realização de debates entre estudantes e os senadores Marcos Freire, Paulo Brossard e Teotônio Vilela, "como necessidade de garantir a proibição feita pelo diretor da Faculdade de Direito de Recife". "Os oposicionistas — acrescentou — têm de respeitar a lei. Eles não podem fazer comícios ou ali na rodoviária. A política é o órgão competente para indicar os locais de reuniões".

O ex-secretário da Câmara, deputado Pinheiro Machado (Arena-PI), entrevistado ontem por um repórter da BBC de Londres, anunciou para breve "a abertura política" e previu que o próximo presidente da República será o último escolhido dentro das Forças Armadas.